

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

GEOGRAFIA E RELIGIÃO

Ari Pedro Oro

Boletim Gaúcho de Geografia, 20: 94-95, dez., 1995.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38183/24566>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - dez., 1995

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

GEOGRAFIA E RELIGIÃO

Ari Pedro Oro *

Quando Emile Durkheim afirma que todos os povos efetuam uma divisão bipartite do mundo segundo as categorias de sagrado e profano, observa também que sagrados não são somente deuses e espíritos mas "um rochedo, uma árvore, uma fonte, uma pedra, uma peça de madeira, uma casa, enfim, qualquer coisa pode ser sagrada" (DURKHEIM; 1989, p. 68)¹. Dessa forma, para o sociólogo francês, a oposição sagrado/profano marca simbolicamente certos objetos e locais ao mesmo tempo em que delimita espaços e territórios. Conseqüentemente, todo o indivíduo, dependendo de sua crença e de seu vínculo religioso institucional, vai encontrar e traçar no solo uma verdadeira Geografia religiosa, composta de cidades santas, centros de peregrinações e romarias, locais de devoção, além dos templos, igrejas, cemitérios, etc. A construção da Geografia sagrada responde à necessidade que as pessoas parecem ter de cristalizar no solo suas crenças e convicções religiosas. É o que sustenta também outro autor francês MAURICE HALBWACHS no seu livro *Topografia Lendária dos Evangelhos na Terra Santa*, que veio a público na França em 1941.

Neste livro, HALBWACHS efetua uma minuciosa análise dos locais mais densamente simbólicos da Terra Santa (como a Gruta de Belém, o Cenáculo, o Pretório de Pilatos, o Monte das Oliveiras, o Caminho do Calvário, o Santo Sepulcro etc) e conclui ser muito difícil, senão impossível, alguém garantir que foi exatamente naqueles lugares referidos que ocorreram os respectivos fatos relacionados à vida de Cristo. Mas, para o autor, isto não diminui em nada a importância daqueles locais sagrados porque o fundamental é que tanto a memória coletiva quanto a tradição e as crenças necessitam, para se manterem e durarem no tempo, não somente dos *quadros sociais da memória* (igreja, família, escola, profissão), mas de pontos de referência, localizados no solo, de uma topografia (que pode até nem coincidir efetivamente com os fatos), em suma, da construção simbólica de uma Geografia religiosa. Esta vai separar os espaços e territórios sagrados dos profanos, vai definir os lugares carregados de significação religiosa, para permitir às pessoas não somente de verem e tocarem o sagrado mas de constantemente afirmarem suas crenças e reatualizarem suas memórias². Dessa forma, Halbwachs e Durkheim, embora dêem primazia às representações coletivas, consideram que estas são fixadas no espaço, se condensam no solo³.

Assim sendo, como já disse, todos os povos efetuam a construção de uma Geografia religiosa, embora sua nitidez e amplitude variem segundo as culturas. Os povos tribais, os índios, por exemplo, além dos locais de culto, via de regra, sacralizam rios, lagos, matas, montanhas, acidentes geográficos, que guardam referência com sua própria história mítica. Por isso mesmo, aqueles pontos de referência sacralizados constituem importantes símbolos de identificação social e religiosa⁴.

Outro interessante exemplo de construção simbólica de uma Geografia religiosa ocorre nos vizinhos estados de Santa Catarina e do Paraná, mais especificamente na região onde se deu a guerra do Contestado. Como sabemos, esse movimento messiânico-milenarista teve como personagem central a figura do monge João Maria⁵ cuja memória permanece ainda viva entre a população, sobretudo rural, dos municípios da região. Para tanto, e confirmando a tese de Halbwachs, há no solo da região todo um conjunto de símbolos sagrados relacionados com o monge. Proliferam os *olhos d'água* de São João Maria, isto é, fontes de água consideradas portadoras de dons terapêuticos, porque se acredita que

nelas o monge teria bebido⁶. Há locais sacralizados chamados *poço do monge*, onde se acredita que ele teria descansado. No passado, foram erguidas cruzeiras nesses locais. Nesses hoje há geralmente uma capela. Dessa forma, a população retraz simbolicamente os caminhos do monge. Há também diversas cruzeiras na região que se acredita terem sido erguidas pelo monge. Diante delas os devotos oram pedindo sua intercessão. Há ainda capelinhas espalhadas na região, monumentos ao monge em praças, como em Curitiba e Irani (SC), grutas do monge, em Lapa (PR), além de fotografias e oratórios domésticos com sua imagem, que atestam e afirmam a crença da população em São João Maria. Assim, os devotos de João Maria traçam no solo catarinense e paranaense os espaços sagrados que cristalizam suas crenças e conservam a memória do santo monge.

Evidentemente que também entre nós poderia ser referido os vários centros de peregrinação e romaria, capelinhas, cruzeiras, santuários, grutas, cavernas, fontes, centros religiosos, oratórios e tantos outros locais de devoção religiosa que constituem marcos na construção de uma paisagem religiosa. Assim, fica claro que de fato religião é um conjunto de crenças que para se manter no tempo precisa, além dos ritos, do espaço, isto é, de locais sagrados, de pontos de referência distribuídos no solo. Dessa forma, religião e Geografia não se opõem, simbolizando o céu e a terra, mas mantêm entre si uma relação de complementaridade.

¹ Segundo DURKHEIM (1989), o sagrado dispõe de atributos próprios, sendo protegido por interditos, demandando atitudes próprias e impondo respeito. A oposição simbólica sagrado/profano parece obedecer à necessidade que o ser humano tem de integrar na sua vida quotidiana momentos e situações que requerem outro tipo de comportamento, outra postura corporal, outro estado de espírito.

² É também por isso que se erguem monumentos, bustos, se dá nome a praças e ruas. É para lembrar, manter a memória de um fato histórico, de um personagem, de um herói, etc. O interesse de HALBWACHS radica na compreensão da construção da memória coletiva e da criação das tradições. Sua tese é de que a memória coletiva consiste numa elaboração que expressa o momento atual de um grupo, as crenças e os interesses presentes, e não uma imagem direta do passado. Além disso, o que hoje é considerado como a tradição cristã representa somente uma parte das crenças e dos eventos, visto que outras e outros se perderam ao longo dos séculos. (HALBWACHS, 1971).

³ Em seu muito interessante livro, Eclética Bosi mostra, por exemplo, como a memória e as lembranças dos velhos se apóiam inclusive nas pedras da cidade e nos objetos da casa (BOSI, 1979).

⁴ Além dos símbolos sintetizadores das crenças, é comum os povos tribais memorizarem as tradições do grupo confeccionando certos objetos materiais como bastões com inscrições, ou compondo canções comemorativas, ou fazendo uso de outros meios mnemotécnicos, que passam de geração em geração. Por exemplo, entre os Ashanti, da África, cada vez que havia um acontecimento importante era fabricado um objeto recordação (VANSINA, 1966:49).

⁵ Em verdade, foram três monges que apareceram na região denominada Contestado entre os anos de 1850 e 1910. No imaginário popular regional, há uma confusão entre os três monges. Sobre esta questão ver a dissertação de mestrado intitulada "A construção e a permanência do mito de João Maria de Jesus na Região do Contestado, Santa Catarina", defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, no ano de 1992, por Célio Alves de Oliveira. O que segue retiramos desse trabalho.

⁶ CELIO A. DE OLIVEIRA (1992, p. 110) diz, acertadamente, que "alguns destes olhos d'água foram cercados com pedras ou pedaços de madeira com o objetivo não apenas de preservar a pequena fonte, mas também de resguardar um espaço sagrado."

BOSI, Eclética. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo, T. A. Quatroz editor, 1979.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo, Paulinas, 1989.

HALBWACHS, Maurice. *La topographie légendaire des évangiles en terre sainte*. 4. ed. Paris, PUF, 1971.

OLIVEIRA, Célio Alves de. *A construção e a permanência do mito de João Maria de Jesus na Região do Contestado, Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, UFRGS, 1992.

VANSINA, Jan. *La tradición oral*. Barcelona, Labor, 1966.

* Professor no Departamento de Antropologia da UFRGS e pesquisador do CNPq.